



Boletim Nº 2
Bulletin Nr. 2

Setembro/September, 2009

**C
E
F
Z
I
R
O
M
A
T
I
Z
O
R
E
F
E
R
M
A
C
A
O**



K R I S H N A M U R T I

Maia



Não Vemos ou Não Queremos Ver?

Is it that We Don't See or We Don't Want To See?

Quando olhamos à nossa volta, tudo o que vemos passa pelo crivo do nosso condicionamento! E mesmo que tenhamos um vislumbre, uma fugidia percepção do que está para além dessa visão condicionada, há uma força que nos impele a não querer ver mais do que aquilo a que estamos habituados. É a força do conformismo, aquele estado preguiçoso de deixar estar o que está, aquela indolência de pensamento que nos impede de perscrutar a realidade que se nos apresenta, aquela letargia que envolve a nossa vida num mundo egoistamente cruel e em franca decadência.

Demasiado condicionados para poder ver sem esforço, demasiado preguiçosos para empreender esse esforço, demasiado egoístas e comodistas para fazermos algo, para ir mais fundo do que as meras aparências, do que as simples percepções superficiais, optamos pela via mais fácil: a de nos mantermos exactamente como estamos, de olhos fechados, recusando-nos a ver!

Se é mais fácil continuar a viver dentro da ordem estabelecida, porque carga de água haveríamos de querer mudá-la? Se é mais cómodo aceitar sem reservas e sem questões o que outros tomaram como certo, porque haveríamos nós de os contrariar? Se é mais prático que nos digam o que

fazer, o que sentir, o que pensar, porque haveríamos de ter trabalho a fazê-lo de moto próprio?

E é precisamente esta atitude de uma ignorante e estonteante inacção que vai agravando os males do mundo, que são, afinal, os nossos próprios males! Porque não mexemos uma palha para nos tornarmos seres humanos conscientes, sensatos e maduros, estamos a contribuir, com o nosso decidido, inequívoco e estúpido *dolce far niente*, para o gigantesco agravamento das condições desfavoráveis ao florescimento de uma humanidade responsável e inteligente.

Somos lesto em criticar, rápidos em condenar, ligeiros em ajuizar, ágeis em denegrir mas extremamente lentos em construir, vagarosos em discernir, pachorrentos e frouxos na única acção que poderia mudar o mundo: o intento profundamente sério de nos vermos a nós próprios tal como somos e de olhar para a realidade com os olhos do verdadeiro discernimento!

Isabel Gonçalves

Centro de Informação Krishnamurti
Maia



When we look around everything we see goes through the screen of our conditioning! Even when we have a glimpse, a fleeting impression of what lies beyond that conditioned view, there is a force driving us to not wanting to see more than what we

are used to. It is the force of conformism, that lazy state of letting it be, that indolence of thought that prevents us from scanning the reality presented before our eyes, and that lethargy involving our life in a selfishly cruel, decaying world.

Too conditioned to be able to see without effort, too lazy to undertake that effort, too selfish and too fond of comfort to do anything whatsoever in order to go deeper than the mere appearances, and the simple superficial perceptions, we choose the



easiest way - we remain exactly as we are – eyes closed, and refusing to see!

If it is easier to live according to the established order, why on earth should we want to change

it? If it is more comfortable to accept unreservedly and without questioning what others take for granted, why in the world should we go against them? If it is more practical to have others telling us what to do, what to feel, what to think, why in God's name would we do it of our own accord?

And it is precisely such an attitude of ignorant and dazzling inaction that aggravates the sufferings of the world which are after all our own sufferings.

We are contributing to the conditions that are unfavourable to the flourishing of a responsible and intelligent humanity because with our definitive, unequivocal and stupid *dolce far niente* we do not do a stroke of work in order to become conscious, wise and mature.



We are quick in criticising, fast in condemning, swift in judging, active in slandering, but we are extremely slow in building, tardy in discerning, indulgent and indolent in doing the one thing that could change the world – the profoundly serious intent to look at ourselves as we are and at reality with the eyes of true discernment!

Isabel Gonçalves

Krishnamurti Information Centre
Maia



Observando com Krishnamurti

21 de Novembro de 1970

Penso que é muito importante que nos compreendamos uns aos outros, porque não estamos interessados em nenhuma filosofia oriental ou teoria; não nos estamos a entregar à especulação, a nenhuma forma de suposições teóricas. Estaremos somente interessados nas coisas como elas são e em ver se a mente humana pode originar radicalmente uma mudança nas coisas tal como são. Por conseguinte é necessário observar muito claramente sem qualquer preconceito, sem qualquer conclusão o que efectivamente acontece no mundo; não segundo a perspectiva

asiática ou a ocidental ou a comunista ou a capitalista mas observar os diversos acontecimentos que têm lugar no mundo.

Em primeiro lugar, vemos em todo o mundo muita violência, uma incrível brutalidade, destruição, um género de violência e de revolta sem sentido, revolta contra a ordem



estabelecida, revolta contra a guerra, revolta contra todas as moralidades sociais.

Obviamente a moralidade social é imoralidade. Observamos a divisão, a fragmentação que acontece, não só ao nível físico mas também ao nível religioso. Fisicamente, geograficamente, há divisão entre nacionalidade, governos soberanos com os seus exércitos, a sua defesa, etc; há a divisão económica, a divisão entre



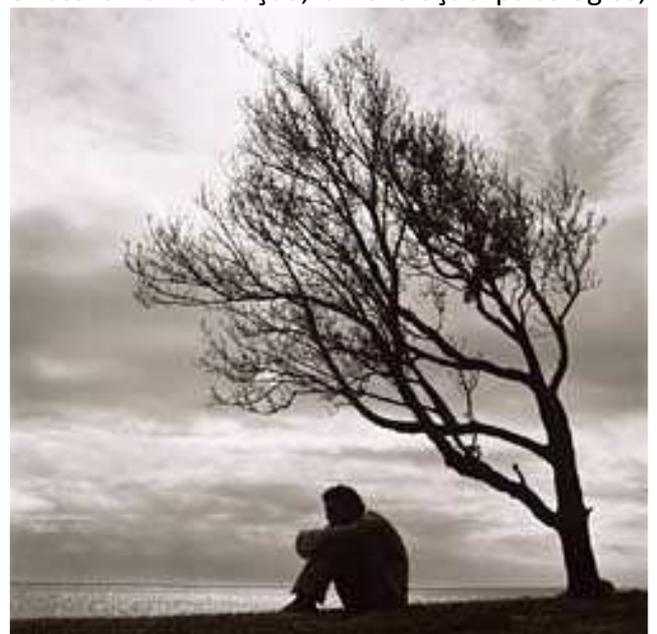
brancos e negros e entre as pessoas de cor. Há também divisão entre as pessoas religiosas, as chamadas pessoas religiosas. Há os Católicos contra os protestantes, os Hindus contra os Muçulmanos, etc. Em toda a parte do mundo há fragmentação, o homem de negócios e o artista, o cientista e o leigo, o técnico e a pessoa comum. Isto é um facto e vemos o incrível conflito que existe entre os seres humanos.

As religiões, isto é, as crenças organizadas baseadas na propaganda, não resolveram de todo este problema. Os políticos não o resolveram. Pelo contrário, as religiões separaram o homem do homem, os políticos mantêm o país, as pessoas, separadas e vocês podem ver que tanto exteriormente como interiormente há fragmentação, divisão.

A própria natureza da divisão é provocar conflito e o homem tentou muitas, muitas maneiras de colmatar este conflito, através de ideais, através da revolta, através da revolução – revolução física – através de todas as formas de asserção, agressão, violência para ver se o homem pode viver em paz, não só dentro de si mesmo mas também exteriormente. E isto tem vindo a acontecer há milhões de anos – o homem a combater o homem, exterior e interiormente.

Quando somos confrontados com semelhante problema, qual é a reacção?, sabendo que o homem tentou tantas maneiras de se ver livre deste problema, através da revolução física que acaba em tirania, em burocracia, em ditadura, e tentou religiosamente, na crença – adorando um Deus ou uma ideia, um conjunto de símbolos, e mais uma vez tudo isso fracassou, fracassou completamente porque o homem continua em guerra. Nos últimos 5.000 anos creio que houveram 15.000 guerras e nunca fomos capazes de resolver nenhum dos nossos problemas humanos. Sabemos como fugir-lhes, através do divertimento, através de todas as formas de fraude, de hipocrisia, de negligência, de indiferença, de insensibilidade.

Só as pessoas muito sérias é que vivem, não as pessoas que querem ser entretidas, que querem ser divertidas; e eu espero durante estas cinco palestras que aqueles que aqui estão sejam realmente pessoas sérias. Isto não é um entretenimento quer filosófico quer intelectual. Estamos interessados em observar tudo isto, em como originar uma mudança radical no homem, em como originar uma revolução total, não a revolução do derramamento de sangue, a revolução física; isso não conduz a lado nenhum, como temos observado nos diversos tipos de revolução que existiram antes. A revolução física não tem nenhum significado; só existe uma revolução, a revolução psicológica,

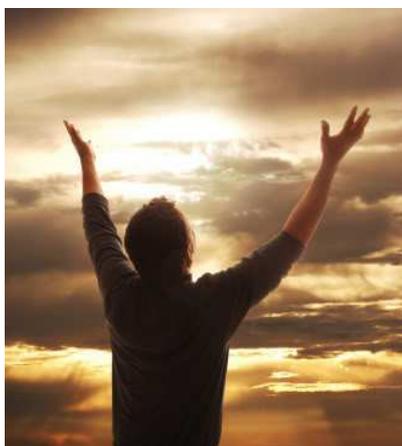


interior, porque o ser humano – vocês – é a sociedade. Vocês construíram esta sociedade e estão presos nessa sociedade, nessa cultura; por

consequente, vocês são o mundo e o mundo são vocês, não verbalmente, teoricamente ou intelectualmente, mas efectivamente. Vocês são o mundo e o mundo são vocês e se vocês estiverem confusos, se estiverem agitados, se forem neuróticos, desequilibrados, seja qual for a estrutura que criarem como moralidade social, como lei, como ética ou como religião, ela tem que ser igualmente confusa. Portanto, por favor compreendam isto muito claramente desde o início destas palestras.

Estamos interessados em originar uma revolução radical na mente humana porque a mente humana cria a estrutura social, económica, religiosa, do seu desespero, do seu medo, da sua solidão, infelicidade, sofrimento. A menos que o ser humano, vocês, mudem radicalmente, fundamentalmente, não há possibilidade de termos um mundo diferente. Quando dizemos “vocês”, vocês não estão em oposição à comunidade, vocês são a comunidade, são o colectivo. Quando estamos interessados numa mudança do ser humano, estamos interessados na revolução radical da mente, não estamos em oposição à mente colectiva. A mente colectiva é a vossa mente, vocês fazem parte da cultura em que foram educados, não estão separados da sociedade, do mundo, portanto, a menos que vocês como seres humanos mudem radicalmente, há muito pouca esperança de uma sociedade pacífica, religiosa.

Para originar esta mudança, o homem tentou



tudo. Ingeriu drogas, juntou-se a inúmeros cultos, organizou crenças, adorou este deus e aquele deus, entrou para diversas escolas de meditação, leu infi-

suposições, não teorias. Podem observar isto se estiverem de todo conscientes não só de vocês próprios mas também do que acontece no mundo.

Portanto, vendo isto, o que havemos de fazer? Há os activistas que dizem que vocês têm que agir, que fazer alguma coisa, que se comprometer, que se envolver. Mas envolverem-se, identificarem-se com um grupo específico ou com uma estrutura de pensamento, com uma filosofia específica, não resolve o problema. Vendo tudo isto tanto exteriormente como interiormente, o que havemos de fazer? Temos que agir, temos que originar uma revolução em nós próprios. Como pode ter lugar esta revolução? Não podemos continuar como estamos, porque a nossa vida é muito superficial.



A vida que levamos não tem sentido, passar anos no escritório, viver uma vida fútil, vazia, viver uma existência em segunda-mão e perpetuamente a lutar, tanto interiormente como exteriormente. O que podemos fazer? Pressupõe-se a acção, não no futuro ou no passado; a acção é o momento criativo no presente. Portanto, o que hei-de eu, como ser humano, a viver neste mundo, fazer? Em primeiro lugar, tenho que invalidar tudo o que o homem construiu psicologicamente em si próprio. Isto é, através da recusa descobrirei o que é o positivo; compreendem?

Sabem que uma das coisas mais difíceis na vida é comunicar. A palavra comunicar significa pensar juntos, sentir juntos, criar juntos, partilhar juntos. É isso o que vamos fazer, partilhar juntos. Vocês não vão apenas ouvir o

orador mas partilhar do que o orador tem para dizer. Só podem partilhar se não discordarem nem concordarem mas efectivamente ouvirem para descobrir. Ouvir é uma das coisas mais difíceis de fazer. Ouvir implica atenção, e não conseguem prestar atenção se a vossa mente estiver a tagarelar, se compararem o que está a ser dito com aquilo que já sabem. A arte de ouvir é muito importante e a arte de ouvir é comunicar.

Em primeiro lugar, na tentativa de ver as coisas como elas são, tanto exteriormente como interiormente, o homem tentou várias coisas. Ele pensa que através da análise pode originar mudança, a análise do que efectivamente acontece, e através da análise descobrir a causa e originar a mudança na causa. Mas a análise impede a acção, isto é, a análise implica tempo. Por favor, ouçam isto, não o aceitem ou rejeitem, mas ouçam, descubram se o orador está a dizer algo falso ou verdadeiro; descubram, investiguem, não se oponham ou aceitem, porque temos que aprender. Aceitámos a análise como um modo de resolução dos nossos problemas e o orador diz que dessa maneira nunca resolverão nada, e ele vai explicar a razão porque a análise é inútil.

Em primeiro lugar, a análise implica tempo; analisar dia após dia, semana após semana, examinar, observar; analisar leva inevitavelmente muito tempo. A análise implica o analista e o analisado. E também que cada análise tem que ser completa e verdadeira e tem que ser acabada, caso contrário o analista lembra-se do que analisou e transporta-o consigo, o que o impedirá de examinar e analisar de uma maneira nova, certo? Estão a acompanhar tudo isto? Provavelmente nunca ouviram isto antes, pode parecer-lhes bastante estranho, mas se observarem, se se analisarem a vocês próprios, descobrirão que há o analista a examinar, a investigar, a questionar: portanto há divisão entre o analista e o analisado.

Interrogador: ...Interrupção.

No final da palestra podem fazer perguntas, podemos discutir, mas primeiro têm que descobrir o que o orador tem para dizer. Podem

conhecer muito bem os vossos próprios pensamentos, podem estar familiarizados com as vossas próprias ideias, opiniões, mas não estamos a lidar com opiniões, com ideias. Estamos a lidar com o que efectivamente é, e o facto real é que o homem através das épocas pensou que podia resolver os seus problemas através da análise. Estamos a mostrar que a análise não resolve de todo o problema. Queremos mostrar-lhes uma maneira diferente de olhar, não através da análise. Quando compreenderem a natureza e a estrutura da análise, descartam-na totalmente, e por conseguinte a mente está livre para olhar de uma maneira nova. Têm portanto que compreender o que está implícito na análise. Têm que aprender tudo acerca dela, têm que ficar familiarizados com ela, depois podem pô-la de parte.

Estamos a dizer que a análise impede a acção porque envolve tempo. A análise implica,



também, a divisão entre o analista e o analisado, e por isso o conflito entre o analista e o analisado. Na análise está implicado o consciente e o inconsciente. Porque é que existe de todo esta divisão? Tem estado na moda nos últimos anos falar muito sobre o inconsciente. O inconsciente é tão trivial como o consciente; o inconsciente é o resíduo de todas as memórias raciais, das memórias familiares, das memórias religiosas, culturais. Nós dividimo-lo. Pensamos que o inconsciente é mais rico, mais nobre, mais vasto, mais significativo; mas quando examinam o inconsciente – e só o podem examinar quando têm consciência do que acontece, não só ao nível superficial do pensamento, mas profundamente – quando o observam, podem

ver todos os motivos, a violência, as ansiedades, os medos, etc.

A análise implica tudo isto, e, como envolve tempo, a acção não é possível, a acção sendo acção total. Está claro, pelo menos por agora? Temos que agir, acção significa no presente, a revolução psicológica só é possível agora, não numa qualquer ocasião posterior. Por conseguinte, a análise não é possível, não é a maneira; nem o é a vontade. A vontade implica contradição, repressão, controlo, e nós fizemos tudo isso. Reprimimos, controlámos, rejeitámos e contudo não há nenhuma mudança radical em nós; portanto, a análise não é o caminho, nem o é o exercício da vontade.

Podemos ver que qualquer forma de análise é protelação de acção; portanto o que havemos de fazer se a análise não é o caminho e o exercício da vontade não é o caminho, a vontade implicando repressão, conformação, conflito, ajustamento? Se isso não produziu uma revolução radical nos seres humanos então qual é a maneira que não é nenhuma destas? Não sei se alguma vez fizeram esta pergunta a vocês próprios. O homem tentou diversas maneiras: identificando-se com o superior, com um princípio, com um ideal, esperando desse modo dissolver as suas próprias ansiedades, os seus próprios medos, a sua própria infelicidade, e não teve êxito. Por conseguinte, temos que descobrir uma maneira totalmente diferente, uma percepção totalmente diferente, e é isso o que vamos fazer.

Vamos descobrir, juntos. Vocês não estão a aprender do orador, o orador não é vosso professor, não é a vossa autoridade, Vamos aprender juntos. Por conseguinte, vocês como seres humanos, são o vosso próprio professor, o vosso próprio discípulo; portanto não existe nenhuma autoridade exterior para além da vossa própria inteligência. É a vossa própria inteligência, a vossa própria compreensão que vai originar uma revolução radical. Por favor, não ouçam aceitando uma coisa. Estamos a aprender juntos.

Uma das nossas dificuldades, talvez a dificuldade principal, é que todos nós somos

conformistas. Conformamo-nos muito facilmente. Aqueles que estão em revolta contra a sociedade são conformistas. Rejeitam uma forma de conformismo e aceitam outra forma de conformismo. Rejeitam a autoridade exterior mas aceitam outro género de autoridade. Onde há autoridade tem que haver conformação; portanto não há liberdade. A liberdade só existe quando compreendemos toda a estrutura e natureza de nós próprios. Sem liberdade não há criação, não há vida, não há beleza. Portanto, a liberdade é absolutamente essencial: libertação da autoridade, não fazer o que querem. Temos que investigar e compreender toda a natureza

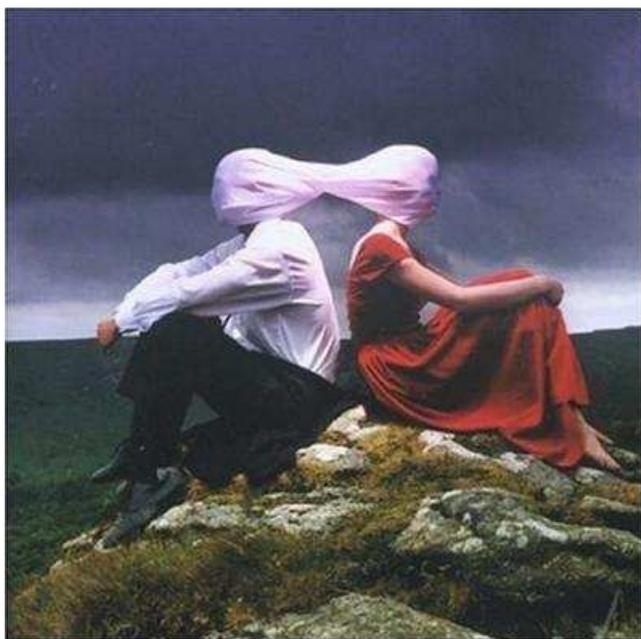


da conformação, porque é que os seres humanos se conformam. Conformamo-nos não só superficialmente mas profundamente. Ajustamo-nos à última moda quer seja cabelo comprido, mini-saia ou midi-saia. Ajustamo-nos ao padrão social, ajustamo-nos à moralidade que a sociedade instituiu, que, quando a observam, é na realidade imoral, e contudo nós conformamo-nos – porquê? Porque é que a mente humana aceita a autoridade tão facilmente? Obviamente, por medo, medo de errar, medo de ser magoado, tanto fisicamente como psicologicamente, medo de não fazer a coisa certa, medo de perder um emprego. Se vivemos num mundo comunista, aceitamos o comunismo; se vivemos num mundo católico, para um protestante é extremamente difícil. Portanto, somos todos conformistas, obedecemos. A autoridade, para além da autoridade legal, e nós estamos a falar acerca da aceitação da autoridade psicológica, torna a mente superficial, torna a nossa vida vazia. Tornamo-nos seres humanos de segunda-mão, que o somos. A palavra individualidade significa indivisível. Indivíduo significa uma entidade que

é indivisível, que não é fragmentada mas integral. E nós não o somos. Não somos de todo indivíduos. Este é, em parte, o resultado da autoridade, da conformação e da aceitação.

Observam tudo isto na vida, na vida quotidiana, não na vida no momento de uma grande crise, mas todos os dias vêem isto a acontecer, tanto interiormente como exteriormente, e quando rejeitam a análise, quando rejeitam a autoridade, quando já não se conformam – excepto superficialmente – qual é a qualidade da mente? Qual é o atributo da mente que rejeitou tudo isto, estas coisas que não ajudaram o homem? Não se tornou ela extraordinariamente sensível, viva, livre para olhar?

A maior parte de nós – todos nós – estamos condicionados pela cultura em que vivemos.



Vocês estão condicionados como australianos com um clima encantador e tudo o mais, pela educação, pela crença, pela estrutura religiosa em que estão presos, portanto estão condicionados. E uma mente condicionada pensa que pode resolver o problema humano. Não pode. Ela tem que estar livre desse condicionamento. Se eu, nascido na Índia, permanecer Hindu e quiser resolver toda a estrutura humana, todo o problema humano, toda a infelicidade humana segundo a mente condicionada nessa cultura específica, será impossível.

Para resolver o problema humano a mente tem que estar completamente descondicionada, isto é, ela tem que se tornar consciente do seu próprio condicionamento, consciente para observar sem qualquer escolha, sem qualquer distorção, e essa é a razão porque é muito importante compreender o conflito. Todas as formas de conflito distorcem a mente. Estamos a dizer que há uma maneira de viver que não é a maneira da análise, a maneira da vontade, a maneira da conformação, mas observar, ver as coisas efectivamente como elas são.

Pergunto-me se já observaram alguma coisa, isto é, ver as coisas como elas efectivamente são, não como desejam que elas sejam ou como esperavam que elas fossem, mas efectivamente como elas são? Já observaram uma nuvem? Alguma vez observaram a vossa mulher, ou o vosso marido ou o vosso amigo, para verem efectivamente o que é? Não é possível observar claramente se tiverem uma fórmula, se tiverem ideais, se tiverem imagens, se pressupuserem que sabem. Só podem observar com clareza, sem distorção, quando não há nenhuma imagem; quando olham para uma nuvem, olham para ela sem a palavra. Façam-no em alguma ocasião e verão o que acontece quando olham para alguma coisa, uma nuvem, sem uma única palavra, ou olhem para a vossa mulher ou para o vosso marido ou para o vosso amigo sem a imagem que construíram durante 30 ou 40 anos ou durante 10 dias; observar apenas.

Na observação há uma relação directa, mas quando têm uma imagem dela ou dele não estão em relação. O amor é, por certo, aquela relação em que não existe nenhuma imagem. Portanto a questão é, é possível observarmos a nós próprios e o mundo sem nenhuma distorção, sem nenhum símbolo, sem nenhuma fórmula? Se conseguirem observar dessa maneira, então descobrirão que a acção é imediata, porque uma tal observação implica que não haja nenhuma divisão entre o observador e o observado; então estão directamente em relação. Ao olhar para uma árvore sem o conhecimento botânico, sem a palavra, o que é que acontece então? A palavra, o conhecimento acerca da árvore separa-os da árvore. Há uma distância, não só física mas

psicológica, e quando a distância psicológica desaparece não há identidade com a árvore mas completa cessação desta distância. Afinal, isso é amor, não é?

Quando dizem a alguém “Amo-te”, o que é que isso quer dizer? Quer dizer que amam a imagem que construíram acerca dela ou dele? Todas as dificuldades, toda a infelicidade, os ciúmes, as irritações, o prazer – sexual ou outro – é a isso que chamam amor?

O que estamos a dizer é que os nossos problemas humanos são tão complexos e contudo tão extraordinariamente simples se soubermos olhar para eles, se soubermos olhar para o problema, se Deus existe ou não, se a verdade existe ou não, compreender o problema da morte, o problema da vida, do amor, ser capazes de olhar sem a imagem – o que significa olhar sem medo. Podemos investigar esta questão do medo mais tarde porque a maior parte das mentes humanas, tanto conscientemente como inconscientemente, têm medo. Somos seres humanos assustados. Por medo fazemos as coisas mais extraordinárias, coisas cruéis, brutais, agressivas.

Olhar com olhos que não estejam confusos; e haverá confusão onde exista a divisão entre o observador e o observado, e esta divisão acontece quando existe a imagem, a fórmula, o conceito, o ideal. Por conseguinte, o auto-conhecimento,



conhecermo-nos a nós próprios tal como somos é o começo da sabedoria. Não pode ser comprado em livros. Temos que nos observar a nós próprios, não analisando-nos, mas observando-nos na relação. Na relação todas as vossas reacções se tornam evidentes, os vossos antagonismos, os vossos medos, as vossas ansiedades, a vossa amargura, a vossa solidão. Sem compreender tudo isso, tentar descobrir se

existe algo para além de todo o pensamento humano, se existe algo real, verdadeiro, não é possível. Por conseguinte, temos que lançar os alicerces e para lançar os alicerces temos que observar a nossa vida, diariamente, sem qualquer distorção.

Agora talvez, se quiserem, podem fazer perguntas. Sabem que uma das coisas mais difíceis é fazer a pergunta certa. A pergunta certa implica que pensaram muito, que indagaram; e nós devemos fazer perguntas, não só de nós mesmos mas de tudo. Temos que duvidar, que questionar, que descobrir. A dúvida é necessária, mas a dúvida também se torna um perigo. A dúvida deve estar sempre sob restrito controlo. Fazer perguntas é necessário, mas se fizerem uma pergunta e esperarem que outra pessoa qualquer responda, então o vosso questionamento terá muito pouco valor, mas se questionarem para descobrir, para comunicar, para perguntarmos juntos, para investigarmos juntos, então essas perguntas têm valor. Para fazerem uma pergunta têm que ser veementes, tem que ser arrebatados. O que estamos a dizer é que questionar é expormo-nos. Ao questionar descobrem-se a si próprios. Isto não quer dizer que o orador esteja a impedi-los de fazer perguntas. Tudo o que ele está a dizer é observem com que motivo, com que objectivos, com que intenção, com que paixão, fazem a pergunta. Sabendo de que profundidade fazem a pergunta, terão, então, a resposta correspondente a essa profundidade.

Interrogador: Diria que existem leis cósmicas?

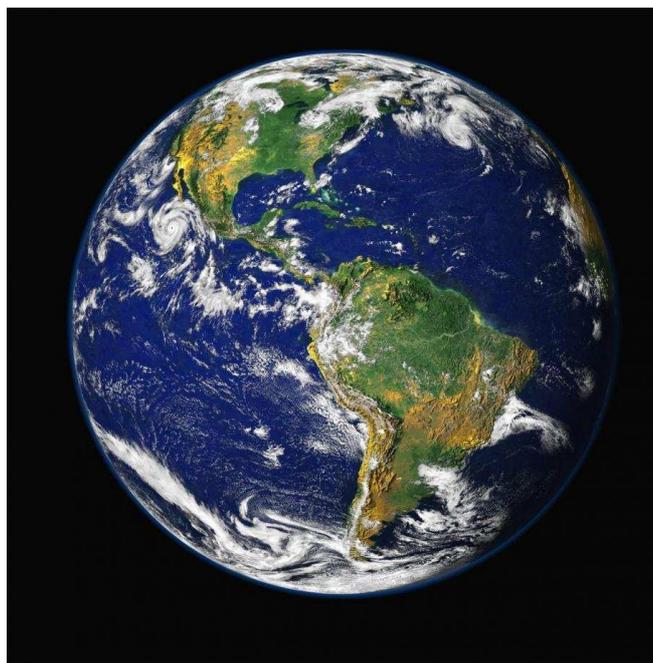
Krishnamurti: O que é mais importante, descobrir se existem leis cósmicas ou como originar ordem nas nossas vidas? Estou a perguntar, senhor, só a perguntar. O que é mais importante? Não somos crianças, supõe-se sermos adultos. Supõe-se que descubramos, não é verdade?, vivendo neste mundo onde há tanta desordem, tanta confusão, tanta dor, como viver sem tudo isto, como viver em ordem, não se existe uma lei cósmica. Descobriremos mais tarde se há uma lei cósmica e ordem se tivermos ordem e lei nas nossas próprias vidas quotidianas. As nossas vidas são

tão desordenadas, tão confusas, somos tão infelizes, sofrendo tanto fisicamente como psicologicamente. O que é importante é descobrir como viver pacificamente com ordem, com beleza, e não fugir para teorias, leis e suposições cósmicas. A beleza que existe para além do nosso pensar só pode ser encontrada quando soubermos viver devidamente. Investigar a dimensão cósmica é uma fuga da nossa vida quotidiana.

Primeiro temos que saber como caminhar, temos que saber como construir antes de podermos alcançar o paraíso. Não sabemos o que é o amor, temos tanto medo. Vocês sabem o que somos, e sem trazer ordem, beleza, para as nossas vidas, queremos fugir para uma espécie de disparate simbólico.

Interrogador: É possível viver neste mundo sem ocasionar uma mudança exterior e contudo viver neste mundo, livre?

Krishnamurti: Está a perguntar se é possível viver nesta estrutura, nesta sociedade, e contudo ser livre? É possível viver neste mundo, sendo este mundo o mundo económico, o social, o religioso, o cultural e contudo estar livre dessa estrutura?



Interrogador: É possível tornarmo-nos livres enquanto essa estrutura continua a permanecer, e se assim é, como?

Krishnamurti: É a mesma coisa, senhor. Em primeiro lugar, a estrutura social, a ética, a estrutura cultural em que estão incluídos preconceitos económicos, sociais, raciais, crenças religiosas, toda essa estrutura sou eu. Eu faço parte dessa estrutura. Não me separo dessa estrutura. Sou o resultado dessa estrutura. Sou essa cultura. Estou condicionado por essa cultura em que vivi. Por conseguinte, não estou separado da cultura. Como hei-de eu, que faço parte desta cultura, ser livre? Se eu sou a estrutura social, económica, cultural, e não há divisão entre mim e ela, eu sou o mundo, o mundo sou eu. Isto não é uma teoria, isto não é especulação, isto é o que é basicamente verdadeiro. Então o que hei-de eu, um ser humano a viver nesta estrutura da qual sou, o que hei-de eu fazer? Como hei-de libertar-me dessa estrutura? Devo destruir essa estrutura, fisicamente, lançando bombas e tudo o mais? Ou vejo o facto de que sou essa cultura e que essa cultura sou eu? Vejo que em mim estou confuso, que não sei o que fazer. Para originar uma mudança na estrutura tenho que me mudar a mim próprio radicalmente porque eu sou essa cultura. É possível que eu, que faço parte do mundo, parte dessa estrutura, parte do sistema estabelecido, me mude a mim mesmo radicalmente?

O que é esta estrutura? O que é o “eu” que é o resultado dessa estrutura? A estrutura está baseada na inveja, na ganância, na veneração do sucesso, poder, posição, prestígio, o desejo de estar completamente, isoladamente seguro. Todas as guerras, nacionalidades, divisões de religiões, a família em oposição a outra família, tudo isso sou eu. E consigo eu em mim mesmo mudar tudo isso, parar completamente de ser competitivo, imitativo, obediente, violento? Obviamente que podemos. E devemos, se quisermos originar uma revolução radical tanto interiormente como exteriormente. Tem que começar com a mente que está livre do condicionamento que a cultura lhe impôs. E pergunta como? O “como” é observar, tornar-se consciente, ser arrebatado para descobrir, para não ficar preso numa série de sistemas, o que significa que tem que observar, aprender e ser enérgico e arrebatado para mudar. Não mudar o mundo mas mudar o mundo que sou eu.

Interrogador: Aceita uma contracultura em oposição à cultura actual?

Krishnamurti: Compreenderam a pergunta? Uma contracultura em oposição ao que é cria outra cultura. O que significa o quê? Uma contracultura implica um contrário ao que é e, por conseguinte, uma divisão. Onde há divisão de qualquer espécie entre vocês e eu tem que haver conflito. A contracultura é produzir outra série de conflitos, como pertencer ao Catolicismo e inventar uma nova religião à qual pertencer; o que é outra forma de divisão. Isto é muito mais fundamental do que a divisão de religiões ou de economias, etc. Estamos a dizer que onde há contradição em nós próprios e na sociedade da qual sou, tem que haver conflito. Por conseguinte tenho que compreender toda a estrutura da divisão, da contradição, porque é que os seres humanos vivem em contradição.

Interrogador: Marx explicou isso.

Krishnamurti: A explicação, não importa quem explica, tem muito pouco significado. Uma dúzia de pessoas explicou, incluindo Marx, porque é que os seres humanos vivem em contradição. Aparentemente contentamo-nos com explicações, quer seja Marx a explicá-lo, quer sejam os capitalistas, ou os psicólogos, ou as pessoas religiosas.

A explicação não é o explicado. A descrição não é o descrito. O que é importante é descobrir por você mesmo, não que lhe seja dito por Marx, pelos filósofos, pelos psicólogos, mas sim descobrir por você próprio porque é que vive em contradição. Pode descobrir muito facilmente, e quando o fizer, será a sua descoberta, não a filosofia de Marx, não a filosofia de outra pessoa qualquer.

Vê o que nos acontece? Lemos todos esses livros e somos capazes de explicar o que outros disseram mas não sabemos nada acerca de nós próprios. Mas quando aceita, quando vê o facto radical de que é o mundo, então tem que ter a paixão, a energia de aprender acerca de você mesmo. Então torna-se criativo, torna-se algo extraordinário; põe de parte todos os livros porque você é a história do mundo. Não está

interessado em descobrir porque é que o homem é tão agressivo, tão violento, e se a agressão e a violência podem terminar alguma vez? Não está realmente interessado nisso? Provavelmente não, porque nós gostamos de ser agressivos, de ser violentos. Quer realmente investigar esta questão da violência que parece ser uma coisa tão predominante em toda a



parte do mundo e que destrói o homem? Não está realmente interessado em descobrir por si próprio se consegue viver absolutamente, não relativamente, mas absolutamente em paz consigo mesmo?

Está a ver, não faz essas perguntas. Faz perguntas sobre o cosmos, faz perguntas sobre o que Marx disse ou o que outra pessoa qualquer disse, nunca deseja descobrir por si próprio, de coração, se o ser humano, se você, consegue viver em paz.

Interrogador: Qual é o significado dos sonhos? Existe alguma coisa para lá dos sonhos?

Krishnamurti: Qual é todo o processo de sonhar? Investigamos isso agora ou na próxima vez?

Interrogador: Deixemos para amanhã.

Krishnamurti: Querem deixar para amanhã?

(Riso) Discutimo-lo amanhã quando nos reunirmos?

J. Krishnamurti

in **Talks and Dialogues**
Sydney 1970

(Traduzido por Isabel Gonçalves)



Observing with Krishnamurti

21st November, 1970

I think it quite important that we understand each other, because we are not concerned with any Oriental philosophy or with any theory; we are not indulging in speculation, any form of theoretical assumptions. We will be concerned only with things as they are and to see if the human mind can radically bring about a change in things as they are. Therefore it is necessary to observe very clearly without any prejudice, without any conclusion what actually is going on in the world; not according to the Asiatic outlook or the Western or the communist or the capitalist but observe the various happenings that are taking place in the world.

First of all, one sees right through the world a great deal of violence, incredible brutality,



destruction, a meaningless kind of violence and revolt, revolt against the established order, revolt against war, revolt against all the social moralities.

Obviously social morality is immorality. One observes the division, the fragmentation that's going on, not only at the physical level but also at the religious level. Physically, geographically,

there is division between nationalities, sovereign governments with their armies, defence, and so on; there is the economic division, the division between black and white and among the coloured people. There is also division among the religious people, so-called religious people. There is the Catholic against the Protestant, the Hindu against the Muslim and so on. Right through the world there is fragmentation, the businessman and the artist, the scientist and the layman, the technician and the ordinary person. This is a fact and one sees what incredible conflict exists between human beings.

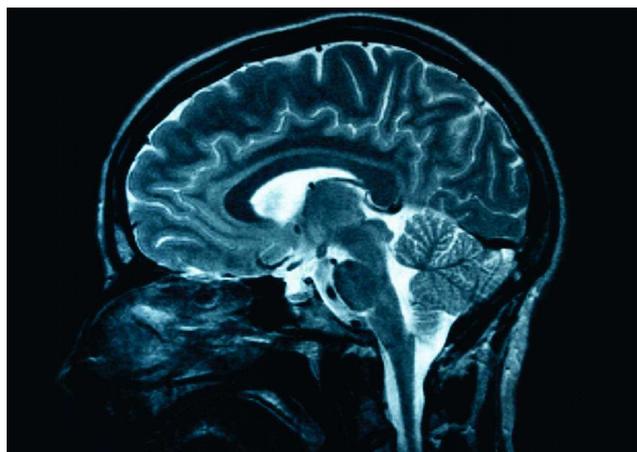
Religions, that is, organized beliefs based on propaganda, have not solved this problem at all. Politicians haven't solved it. On the contrary, religions have separated man against man, politicians keep the country, the people apart and you can see both outwardly and inwardly there is fragmentation, division.

The very nature of division is to bring about conflict and man has tried many, many ways to bridge this conflict, through ideals, through revolt, through revolution - physical revolution - through every form of assertion, aggression, violence to see if man can live at peace, not only within himself but also outwardly. And this has been going on for millions of years - man fighting man, outwardly and inwardly.

When we are confronted with such a problem, what is the response? knowing that man has tried so many ways to get rid of this problem, through physical revolution which ends in tyranny, bureaucracy, dictatorship and he has tried religiously in belief - worshipping one God or one idea, one set of symbols, and again all that has failed, completely failed because man is still at war. Within the last 5,000 years I believe there have been 15,000 wars and we have never been able to solve any of our human problems. We know how to escape from them, through amusement, through every form of deception, hypocrisy, negligence, indifference, callousness.

It is only the very serious people that live, not the people who want to be entertained, want to be amused; and I hope during these five talks, that those who are here are really serious people. This is not an entertainment, either philosophical or intellectual. We are concerned, in observing all this, how to bring about a radical change in man, how to bring about a total revolution, not the revolution of bloodshed, physical revolution; that doesn't lead anywhere, as one has observed in the various kinds of revolution that have existed before. Physical revolution has no meaning; there is only one revolution, psychological, inward revolution because the human being - you - is the society. You have built this society and in that society, in that culture you're caught; therefore, you are the world and the world is you, not verbally, theoretically or intellectually, but actually. You are the world and the world is you and if you are confused, if you are disturbed, if you are neurotic, unbalanced, whatever structure you create as social morality, as law, as ethics or as religion must equally be confused. So, do please understand this very clearly from the very beginning of these talks.

We are concerned in bringing about a radical revolution in the human mind because the human mind creates the social, economic,



religious structure out of its despair, out of its fear, out of its loneliness, misery, sorrow. Unless the human being, you, radically, fundamentally change, there is no possibility of having a different kind of world. When we say 'you', you are not opposed to the community, you are the community, you are the collective. When we are concerned with a change of the human being, we are concerned with the radical revolution of

the mind, not opposed to the collective mind. The collective mind is your mind, you are part of the culture in which you have been brought up, in which you have been educated, you're not separate from the society, from the world, so, unless you as a human being radically change there is very little hope for a peaceful, religious society.

To bring about this change, man has tried



everything. He has taken drugs, has joined innumerable cults, organized beliefs, worshipped this god and that god, joined various schools of meditation, read infinitely, but he remains exactly as he was before, slightly modified but essentially self-centred, aggressive, violent, concerned about himself. These are facts not assumptions, not theories. This you can observe if you are at all aware not only of yourself but also about what is happening in the world.

So, seeing this, what is one to do? There are the activists who say you must act, do something, commit yourself, get involved. But getting involved, identifying yourself in a particular group or a particular structure of thought, philosophy, doesn't solve the problem. Seeing all this both outwardly and inwardly, what shall we do? We must act, we must bring about a revolution in ourselves. How can this revolution take place? We cannot possibly go on as we are going, because our life is very superficial.

The life that one leads has no meaning, spending years in the office, living a shallow, empty life, living a secondhand existence and everlastingly fighting, both inwardly and outwardly. What can one do? Action implies,

not in the future, or in the past; action is the creative moment in the present. So, what shall I as a human being, living in this world, do? First of all, I must negate everything that man has psychologically built in himself. That is, through negation I shall find out what is the positive; you understand?

You know one of the most difficult things in life is to communicate. The word communicating means to think together, to feel together, to create together, share together. That's what we are going to do, share together. You're not just going to listen to the speaker, but share what the speaker has to say. You can only share if you neither disagree nor agree, but actually listen to find out. Listening is one of the most difficult things to do. Listening implies attention, and you cannot attend if your mind is chattering, if what is being said you compare with what you already know. The art of listening is very important and the art of listening is to communicate.

First of all, attempting to see things as they are, both outwardly and inwardly, man has tried several things. He thinks through analysis he can bring about change, analysis of what actually is going on, and through analysis to find the cause and bring about change in the cause. But analysis prevents action, that is, analysis implies time. Please, do listen to this, don't accept it or reject it, but listen to it, find out if the speaker is saying something false or true; find out, investigate, don't oppose it, or accept it, because we have to learn. We have accepted analysis as a way of resolution of our problems and the speaker says that way you'll never solve anything, and he's going to explain the reason why analysis is futile.

First of all, analysis implies time; to analyse day after day, week after week, examining, observing; analysing inevitably takes a very long time. Analysis implies the analyser and the analysed. And also that every analysis must be complete and true and finished, otherwise what the analyser has analysed he remembers and carries it over, which will prevent him from examining and analysing anew, right? You are following all this? Probably you have not heard

all this before, it may seem rather strange to you, but if you have observed, if you have analysed yourself, you will find that there is the analyser, examining, investigating, questioning; so there is the division between the analyser and the analysed.

Questioner: ...Interruption.

At the end of the talk you can ask questions, we can discuss, but you have first to find out what the speaker has to say. You may know your own thoughts very well, be familiar with your own ideas, opinions, but we are not dealing with opinions, with ideas. We are dealing with actually what is, and the actual fact is that man throughout the ages has thought that he could resolve his problems through analysis. We are showing that analysis does not solve the problem at all. We want to show you a different way of looking, not through analysis. When you understand the nature and the structure of analysis you totally discard it, and therefore your mind is free to observe anew. So you have to understand what is implied in analysis. You have to learn all about it, be familiar with it, then you can put it aside.

We are saying that analysis prevents action



because it involves time. Analysis implies, also, the division between the analyser and the analysed, and hence the conflict between the analyser and the analysed. In analysis is implied the conscious and the unconscious. Why is there this division at all? It has been the fashion in recent years to talk a great deal about the unconscious. The unconscious is as trivial as the conscious; the unconscious is the residue of all the racial memories, the family memories, the

religious, the cultural memories. We have divided it. We think that the unconscious is richer, nobler, wider, more significant; but, when you examine the unconscious - and you can examine it only when you are aware of what is going on, not only at the superficial level of thinking, but deeply - when you observe it, you can see all the motives, the violence, the anxieties, the fears and so on.

Analysis implies all this, and, as it involves time, action is not possible, action being total action. Is that clear, at least for the time being? We have to act; action means in the present, psychological revolution is only possible now, not at some future date. Therefore, analysis is not possible, is not the way; nor is will. Will implies contradiction, suppression, control, and we have done all that. We have suppressed, we have controlled, we have denied and yet there is no radical change in ourselves; so, analysis is not the way, nor is the exercise of will.

One can see that any form of analysis is postponement of action; so what is one to do if analysis is not the way and exercise of will is not the way, will implying suppression, conformity, conflict, adjustment? If that has not produced a radical revolution in human beings then what is the way which is not any of this? I do not know if you ever asked this question of yourself. Man has tried several ways: identifying himself with the greater, with a principle, with an ideal, hoping thereby to dissolve his own anxieties, his own fears, his own misery, and he has not succeeded. Therefore, one must find a totally different way, a totally different perception and that's what we're going to do.

We are going to find out, together. You are not learning from the speaker, the speaker is not your teacher, is not your authority. We are going to learn together. Therefore, you as a human being, are your own teacher, your own disciple; therefore, there is no outside authority beyond your own intelligence. It is your own intelligence, your own understanding, that is going to bring about a radical revolution. Please, do not listen, accepting a thing. We are learning together.

One of our difficulties, perhaps a major difficulty, is that we are all conformists. We conform very easily. Those who are in revolt against society are conformists. They reject one form of conformity and accept another form of conformity. They reject authority outside and accept another kind of authority. Where there is authority, there must be conformity; therefore, there is no freedom. Freedom exists only when we understand the whole structure and the nature of ourselves. Without freedom there is no creation, there is no life, there is no beauty. So, freedom is absolutely essential: freedom from authority, not to do what you like. One has to investigate and understand the whole nature of conformity, why human beings conform. We conform not only superficially but deeply. We conform to the latest fashion whether it's long hair, mini skirt or midi skirt.



We conform to the social pattern, we conform to the morality which society has established, which, when you observe it, is actually immoral, and yet we conform - why? Why is it that the human mind accepts authority so easily? Obviously, fear, fear of going wrong, fear of getting hurt, both physically and psychologically, fear of not doing the right thing, fear of losing a job. If one lives in a Communist world, one accepts communism; if one lives in a Catholic world a Protestant finds it extremely difficult. So, we're all conformists, we obey. Authority, apart from the legal authority, and we're talking about psychological acceptance of authority, makes the mind shallow, makes our life empty. We become secondhand human beings, which we are. The word individuality means indivisible. An individual means an entity who is indivisible, not fragmented but whole. And we're not.

We're not individuals at all. This is the result, partly, of authority, conformity and accepting.

You observe all this in life, everyday life, not life at the moment of great crisis, but every day you see this going on, both within and outwardly, and when you reject analysis, when you reject authority, when you are no longer conforming - except superficially - what is the quality of the mind? What is the quality of the mind that has rejected all this, these things which haven't helped man? Hasn't it become extraordinarily sensitive, alive, free to look?

Most of us - all of us - are conditioned by the culture in which we live. You are conditioned as Australians with a lovely climate and all the rest of it, by the education, by the belief, by the religious structure in which you're caught, so you are conditioned. And a conditioned mind thinks it can solve the human problem. It cannot. It must be free of that conditioning. If I, born in India, remain a Hindu and want to resolve the whole human structure, human problem, human misery according to the conditioned mind in that particular culture, it will be impossible.

To solve the human problem the mind must be entirely unconditioned, that is, it has to become aware of its own conditioning, aware to observe without any choice, without any distortion and that's why it's very important to understand conflict. Every form of conflict distorts the mind. We are saying there is a way of living which is not the way of analysis, the way of will, the way of conformity, but to observe, to see things actually as they are.

I wonder if you have ever observed anything, that is, to see things actually as they are, not as you wish them to be, or you hope they should



be, but actually as they are? Have you ever observed a cloud? Have you ever observed your wife, or your husband or your friend, to see actually what is?

It is not possible to observe clearly if you have a formula, if you have ideals, if you have images, if you assume you know. You can only observe with clarity, without distortion, when there is no image at all; when you look at a cloud, to look at it without the word. Do it sometime and you will see what happens when you look at something, a cloud, without a single word, or look at your wife or your husband or your friend without the image which you have built during 30 or 40 years or 10 days; just to observe.

In observation there is direct relationship, but when you have an image about her or him you are not in relationship. Surely, love is that relationship in which there is no image. So the question is, is it possible to observe oneself and the world without any distortion, without any symbol, without any formula? If you can observe it that way, then you will find action is immediate, because such observation implies that there is no division between the observer and the observed; then you are directly in relationship. To look at a tree without the



botanical knowledge, without the word, then, what takes place? The word, the knowledge about that tree, separates you from the tree. There is a distance, not only physical but psychological distance, and when the psychological distance disappears there is no identity with the tree but complete cessation of this distance. After all, that is love, isn't it?

When you say to somebody 'I love you', what does it mean? Is it your loving the image that you have built about her or him? All the troubles, all the misery, jealousies, irritations, pleasure - sexual and otherwise - is that what you call love?

What we are saying is our human problems are so complex, yet so extraordinarily simple if we know how to look at them, if we know how to look at the problem, whether there is God or not, whether there is truth or not, to understand the problem of death, the problem of life, love, to be able to look without the image - which means to look without fear. We can go into this question of fear later because most human minds, consciously as well as unconsciously, are frightened. We are frightened human beings. Out of that fear we do the most extraordinary things, cruel, brutal, aggressive things.

To look with eyes that are not confused; and



there will be confusion when there is the division between the observer and the observed, and this division takes place when there is the image, the formula, the concept, the ideal. Therefore, self knowing, knowing oneself as one is, is the beginning of wisdom. It cannot possibly be bought in books. One has to observe oneself, not by analysing, but observing oneself in relationship. In relationship all your reactions come out, your antagonisms, your fears, your anxieties, your bitterness, your loneliness. Without understanding all that to try to find out if there is something beyond all human thought, if there is something real, true, is not possible. Therefore, we must lay the foundation and to lay the foundation one must observe one's life, daily, without any distortion.

Now perhaps, if you will, you can ask questions. You know one of the most difficult things is to ask the right question. The right question implies that you have thought a great deal, that you have enquired; and, we must ask questions,

not only of ourselves, but about everything. We must doubt, question, to find out. Doubt is necessary, but also doubt becomes a danger. Doubt must always be held in leash. To ask questions is necessary, but if you ask a question and wait for somebody else to reply, then your questioning will have very little value, but if you question in order to discover, in order to communicate, in order to find out, asking together, investigating together, then such questions have value. To ask a question you must be intense, you must be passionate. What we are saying is that to question is to expose oneself. By questioning you are discovering yourself. This doesn't mean that the speaker is trying to prevent you from asking questions. All that he is saying is observe from what motive, what purpose, with what intention, with what passion, you're asking that question. Knowing from what depth you're asking that question, then, you'll have the answer corresponding to that depth.

Questioner: Do you say that there are cosmic laws?

Krishnamurti: Which is more important, to find out if there are cosmic laws or how to bring about order in our own lives? I'm asking sir, just asking. Which is more important? We're not children, we are supposed to be grown up. We are supposed to find out, aren't we, living in this world where there is so much disorder, so much confusion, so much sorrow; how to live without all this, how to live in order, not whether there is cosmic law. We'll find out afterwards if there is cosmic law and order if we have order and law in our own daily lives. Our lives are so disorderly, so confused, we are so miserable, suffering, physically as well as psychologically. What is important is to find out how to live peacefully with order, with beauty, and not escape into some cosmic theories, laws and assumptions. The beauty that is beyond our thinking can only be found when we know how to live properly. To enquire into the cosmic dimension is an escape from our daily lives.

First we must know how to walk, we must know how to build before we can reach up to heaven. We don't know what love is, we are so

frightened. You know what we are, and without bringing order, beauty into our lives, we want to escape into some kind of symbolic nonsense.

Questioner: Is it possible to live in this world without bringing about an outward change and yet live in this world, free?

Krishnamurti: You're asking is it possible to live in this structure, in this society, and yet be free? Is it possible to live in this world, this world being the economic, social, the religious, cultural world and yet be free of that structure?

Questioner: Is it possible to become free while that structure still remains, and if so, how?

Krishnamurti: The same thing, sir. First of all, the social structure, the ethical, cultural structure in which is included economics, social, racial prejudices, religious beliefs, all that structure is me. I am part of that structure. I don't separate myself from that structure, I am the result of that structure. I am that culture. I am conditioned by the culture in which I have lived. Therefore, I am not separate from the culture. How am I, who am part of this culture to be free? If I am the social, economic, cultural structure, and there is no division between me and it, I am the world, the world is me. This is not a theory, this is not a speculation, this is what is basically true. Then what am I, a human being living in this structure of which I am, what am I to do? How am I to free myself from that structure? Shall I destroy that structure, physically, throwing bombs and all the rest of it? Or, do I see the fact that I am that culture and that culture is me? I see that in me I am confused, that I don't know what to do? To bring about a change in the structure I must change myself radically, because I am that culture. Is it possible for me who is part of the world, part of that structure, part of the establishment, to radically change myself?

What is this structure? What is the 'me' who is the result of that structure? The structure is based on envy, greed, worship of success, power, position, prestige, the desire to be completely, isolatedly secure. All the wars, nationalities, divisions of religions, the family

opposed to another family, all that is me. And can I in myself change all that, stop completely being competitive, imitative, conforming, violent? Obviously one can. And one must, if one wants to bring about a radical revolution both inwardly and outwardly. It must begin with the mind that is free from the conditioning which the culture has imposed upon it. And you ask how? The 'how' is to observe, to become aware, be passionate to find out, not to be caught in a series of systems, which means you have to observe, learn and be intense and passionate to change. Not to change the world but change the world which is me. Questioner: Do you accept a counter culture opposed to the present culture?

Krishnamurti: You've understood the question? Counter culture opposed to what is creates another culture. Which means what? A counter culture implies a contrary to what is and, therefore, a division. Where there is a division of any kind between you and me there must be conflict. Counter culture is to produce another series of conflicts, like belonging to Catholicism and inventing a new religion to which to belong; which is another form of division. This is much more fundamental than the division of religions



or economics and so on. We are saying that where there is contradiction in oneself and in society of which I am, there must be conflict. Therefore I must understand the whole structure of division, contradiction, why human beings live in contradictions.

Questioner: Marx explained it for you.

Krishnamurti: Explanation, it doesn't matter who explains, has very little meaning. A dozen people have explained, including Marx, why human beings live in contradiction. Apparently we are satisfied by explanations, whether Marx explains it, or the capitalists explain it, or the

psychologists explain it, or the religious people explain it.

Explanation is not the explained. The description is not the described. What is important is to find out for yourself, not be told by Marx, by philosophers, by psychologists, but find out for yourself why you live in contradiction. You can find out very easily, and when you do, it will be yours, not Marx's, not somebody else's philosophy.

You see what happens to us? We read all these books and are capable of explaining what others have said but we don't know a thing about ourselves. But when you accept, when you see the radical fact that you are the world, then you have to have the passion, the intensity to learn about yourself. Then you become creative, something extraordinary; you put aside all



books because you are the history of the world. Aren't you interested to find out why man is so aggressive, so violent, and whether that aggression and violence can ever end? Aren't

you really interested in it? Probably not, because we enjoy being aggressive, being violent. Do you really want to go into this question of violence which seems to be such a pervading thing throughout the world and which is destroying man? Aren't you really interested to find out for yourself whether you can live absolutely, not relatively, but absolutely at peace with yourself?

You see, you don't ask those questions. You ask questions about the cosmos, you ask questions about what Marx said or what somebody else has said, you never wish to find out for yourself with your heart, whether the human being, you, can live at peace.

Questioner: What is the significance of dreams? And is there something beyond dreams?

Krishnamurti: What is the whole process of dreaming? Shall we go into it now or shall we go into it next time?

Questioner: Let's sleep on it.

Krishnamurti: You would like to sleep on it? (Laughter) Shall we discuss it tomorrow when we meet?

J. Krishnamurti

in **Talks and Dialogues**
Sydney 1970



Seja uma luz para si próprio...

Be a light unto yourself...





Quando é que vamos aprender?

When are we going to learn?

Passaram-se milhares de anos e continuamos sem ter aprendido nada! Década após década, era após era, cometemos os mesmos erros, praticamos as mesmas chacinas, pensamos da mesma maneira e enfrentamos a vida com a mesma ignorância e com a mesma estupidez!

Mudaram apenas os meios, agora bem mais sofisticados do quando partíamos a cabeça uns aos outros com um tibia de mamute ou quando nos trespassávamos uns aos outros com a lâmina das espadas de que nos orgulhávamos de saber esgrimir... somos bem mais sofisticados hoje em dia por exemplo nos genocídios, porque antes, matávamos de um golpe só e agora matámos lenta e requintadamente cada vez que, pelo nosso desmesurado egoísmo, negamos aos nossos semelhantes as condições básicas e essenciais para uma vida digna... Nada aprendemos... como gado conduzido e apascentado, sem qualquer dúvida ou interrogação, aceitamos, seguimos, imitamos... e nascemos e morremos na mais perfeita ignorância, tendo apenas cumprido mais um ciclo estúpido e estéril, nada tendo compreendido, nada tendo criado...

Todos os dias somos iguais ao que sempre fomos no passado, e quando falamos de construir um futuro, são os mesmos padrões, os mesmos erros e a mesma ignorância que nele projectamos.

Porque é que ignoramos o que o nosso interior em silêncio nos grita? Não vemos porque não queremos ver, porque nos é mais confortável a conformação, a padronização. Contudo, temos em nós, inata, a semente da indagação, do questionamento, temos em nós o impulso e a energia que nos podem lançar na descoberta da verdadeira vida quando muito bem quisermos! Mas não queremos, obstinadamente menosprezamos e deliberadamente ignoramos aqueles pequenos e subtis sinais, quais

vislumbres fugidios, que parecendo vir do nada, tentam despertar a alma com o aguilhão da dúvida! Temos em nós próprios, inequivocamente, a infinita imensidão de possibilidades que pululam na Vida em todas as suas vertentes!

Quando é que vamos querer aprender?

Isabel Gonçalves

**Centro de Informação Krishnamurti
Maia**



Thousands of years have gone by and we still have not learned a thing! Decade after decade, age after age, we make the same mistakes, the same slaughters. We think the same way and meet life with the very same ignorance and stupidity as before!

Only the means have changed. They are more sophisticated nowadays than when we broke each others heads with a tibia of a mammoth or when we pierced one another through with the blade of a sword, an art we were so proud to master. We are far more sophisticated today. Back then we killed with one stroke but nowadays via genocides we kill slowly and stylishly whenever we selfishly deny our fellow-men the very basic and essential conditions for a worthy life. We have learned nothing. Like cattle led to pasture with no doubts or enquiries we accept, we follow, we imitate, and we are born and we die in the most complete ignorance having fulfilled nothing but another stupid and unfruitful cycle, while having learned or created nothing.

Every day we are just like we were in the past, and when we talk about building a future it is the same patterns, the same mistakes, and the same ignorance we project into it.

Why do we ignore that with which our inside silently cries out? We do not see because we do not want to see because conformation and standardisation are so much more comfortable! Yet, we have in ourselves an inborn seed of inquest and questioning. We have in ourselves the urge and the energy which may enable us to discover true life whenever we want to! But we do not want to. We obstinately despise and

intentionally ignore those small and subtle signs as fleeting glimpses that appear to come out of thin air and try to awake the soul with the sting of doubt! We have in ourselves an infinite vastness of possibilities which pullulate in Life and all its perspectives!

When are we going to learn?

Isabel Gonçalves

**Krishnamurti Information Centre
Maia**



“... A mente tem que estar livre para observar a extraordinariamente complexa estrutura da sociedade e também a ainda mais complexa estrutura psicológica de nós próprios; porque nós próprios somos o mundo. Nós criámos o mundo, e o mundo sou eu e você. Não podemos separar os dois, e portanto, para compreendermos o mundo temos que nos compreender a nós próprios. Para mudar a estrutura social que obviamente necessita de uma mudança colossal, temos que nos mudar a nós próprios porque fazemos parte desta sociedade. A mudança tem que começar com o ser humano, não com a estrutura exterior. ...)

J. Krishnamurti

(na entrevista dada à ABC Television em Sydney, Austrália, em 20 de Novembro de 1970)

“... The mind must be free to observe the extraordinarily complex structure of society and also the still more complex psychological structure of oneself; because oneself is the world. We have created the world, and the world is me and you. We cannot separate the two, and so, to understand the world one has to understand oneself. To change the social structure which obviously needs colossal change, one has to change oneself because one is part of this society. The change must begin with the human being, not with the outward structure. ...”

J. Krishnamurti

(in the interview given to ABC Television in Sydney, Australia, in the 20th November, 1970)



Agradecimentos

Mais uma vez este Centro foi agraciado com generosas ofertas de livros e DVD's e a sua pequena biblioteca vai crescendo significativamente!

Desta vez gostaríamos de agradecer profundamente à Krishnamurti Foundation of America, através da generosa e diversificada oferta de Derek Dodds que permitiu não só que a nossa biblioteca ficasse a dispor de livros de Krishnamurti em várias línguas como aumentou consideravelmente o nosso número de DVD's! Muito obrigada Derek!

Agradecemos também, do fundo do coração, à Elisabeth Fraser, responsável pelo Centro de Informação de Edimburgo, que gentilmente nos ofereceu dois exemplares do seu livro "Fragments: My Life and Death in a Cult"! Muito obrigada Elisabeth!

Isabel Gonçalves

Thanks

Once again this Centre was favoured with generous offers which are significantly incrementing our small library!

This time we would like to deeply thank the Krishnamurti Foundation of America through the generous and diversified offer of Derek Dodds who, not only allowed our library to have Krishnamurti books in several languages, but also contributed for a growing number of DVD's! Thank you so much Derek!

We also want to thank, from the bottom of our hearts, Elisabeth Fraser, responsible for the Information Centre in Edinburgh, who kindly offered us two copies of her book "Fragments: My Life and Death in a Cult"! Thank you dear Elisabeth!

Isabel Gonçalves



Palavras soltas...

Estranharam por certo a minha longa ausência. Pois é, tive necessidade de me afastar um pouco, por um lado devido a uns problemas de saúde, e por outro devido a uma premente necessidade de ficar só comigo mesma, de mergulhar no silêncio e tranquilamente procurar respostas nas profundezas todavia inexploradas do meu interior!

.....

Devo confessar-lhes que estou um pouco triste: ninguém até agora (à excepção da Ivone cujo poema guardo para publicar no Boletim do Inverno por ser o mais adequado!) mostrou vontade de participar, nem no Boletim, nem na divulgação de K, nem sequer com a partilha de pontos de vista pessoais... Será o tal conformismo a fazer das suas? Será o tal posicionamento confortável de deixar que outros o façam por nós?

Isabel Gonçalves

Loose words...

Probably you have found my long absence strange. Well, I had to withdraw for a while, on one hand due to some health problems, and, on the other hand, because of a crying need to be alone with myself, to plunge into the silence and quietly search for answers within the depths of my uncharted inner part!

.....

I must confess I am a little bit sad: nobody until now (except Ivone whose poem I am saving to be published on the Winter Bulletin as it is more appropriate!) has been willing to participate, neither in the Bulletin, nor in the dissemination of K's teachings, nor even by sharing personal points of view... Is it that thing called conformism again? Is it that comfortable attitude of letting others do it for us?

Isabel Gonçalves

Só quando não me sinto,
Apenas quando nada sou
E tudo o que antes era deixou de ser,
Só então sei que sou,
Não eu, mas a única coisa que pode haver!
Sou expressão vivente que ninguém outorgou,
Sou água corrente
De uma fonte que nunca secou...
Nesta grandeza imensa,
Sou, de tudo, um fragmento
Que tudo sente quando sei o que não sou...
Mas sou o todo, num repente,
E privada de eloquência,
Por êxtase e inocência,
Sou grito no silêncio e silêncio no lamento
Porque quem sente o que sinto e sabe o que sou
Jamais lamentar-se ousou!

Isabel Gonçalves

It is only when I'm not
And when everything that I was has ceased to be
That I know what I am:
A living expression that cannot be concealed,
Water flowing from a source
That will never grow dry...
In this immense grandeur
I am, from the whole, a fragment
Feeling everything by being nothing...
And in a single instant
Without word or thought,
Through ecstasy and innocence,
I am the cry in the silence and the silence in the moan
Cause whoever feels what I feel
Will never ever mourn!

Isabel Gonçalves

Centro de Informação

K R I S H N A M U R T I

Maia

Rua dos Altos, 40 – 2º - H. 16
4470-235 Maia

Telem.: 964837408
E-mail: isacondel@netcabo.pt